

COMPREENSÃO DO MUTISMO SELETIVO A PARTIR DA TEORIA SOCIOINTERACIONISTA DE VYGOTSKY

Santos, Millena Arantes dos; Santos, Flávia Luciano

RESUMO: A fala é uma forma de expressão oral que permite a transmissão de ideias, pensamentos e emoções, é uma conquista comportamental que se constrói por multifatores, isso realça sua importância. Nesse sentido, é necessário compreender seu desenvolvimento. Em contrapartida, a ausência de fala, característica do mutismo seletivo, pode comprometer o desenvolvimento infantil. Dessa maneira, o presente trabalho tem o objetivo de destacar a importância da fala no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, identificar bases para a construção do pensamento e da linguagem através dos escritos de Vygotsky para compreender o mutismo seletivo e correlacionar o mutismo seletivo e seus prejuízos para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: mutismo seletivo, fala, desenvolvimento, Vygotsky.

ABSTRACT: Speech is a form of oral expression that enables the transmission of ideas, thoughts and emotions, constituting a behavioral achievement constructed through multiple factors, underscoring its importance. In this context, it is necessary to understand its development. Conversely, the absence of speech, characteristic of selective mutism, can compromise child development. Thus, this study aims to highlight the importance of speech in the cognitive, social and emotional development of children, identifies the foundations for the construction of thought and language through the writings of Vygotsky to understand selective mutism, and correlates selective mutism and its detriments to child development.

Key-words: selective mutism, speech, development, Vygotsky.

Introdução

Desde 1877 o mutismo seletivo já vinha sendo estudado e alvo de dúvidas e reflexões. Mesmo possuindo outra nomenclatura, tinha especificações iguais ao que conhecemos atualmente. O médico alemão Kussmaul descreveu o transtorno como afasia voluntária, condição que altera a familiaridade com a linguagem e faz com que a criança não consiga se expressar em alguns casos, apesar de apresentar uma linguagem desenvolvida. Em

1934, o psiquiatra Morris Tramer, utilizou pela primeira vez o termo mutismo eletivo e de acordo com o médico, "eletivo" especificava crianças que, de fato, escolhiam locais e pessoas para não falar (SCHAEFER & SAPSARO, 1999).

Este termo foi utilizado até a publicação do DSM-III (APA, 1987), sendo substituído por mutismo seletivo somente no DSM-IV (APA, 1994). “Seletivo”, como indicado, enfatiza que o distúrbio é seletivamente dependente do contexto social em que está inserido e é consistente com as teorias da etiologia, já que anteriormente o comportamento de oposição era enfatizado e com a mudança na terminologia, no DSM-5-TR (2022) e CID-11 (2022), o mutismo seletivo passou a ser catalogado dentro do grupo de transtorno de ansiedade.

Os transtornos de ansiedade diferem do medo ou ansiedade normativos do desenvolvimento por serem excessivos ou persistirem além dos períodos apropriados ao desenvolvimento. Eles diferem do medo ou ansiedade transitórios, muitas vezes induzidos pelo estresse, por serem persistentes (...) muitos dos transtornos de ansiedade se desenvolvem na infância e tendem a persistir se não forem tratados. (APA, 2022, p. 351).

É importante ressaltar que o mutismo seletivo, necessariamente, diferencia-se dos casos de perturbações da fala, as quais são explicadas por tipos de transtornos da comunicação, pois nesses casos a fala não ocorre normalmente em locais em que a criança se sente segura. Diferentemente do mutismo seletivo, a perturbação da fala nestes transtornos não se restringe a uma situação social específica, segundo o DSM-5-TR (APA, 2022).

Embora o autor e psicólogo Lev S. Vygotsky não tenha estudado propriamente o mutismo seletivo, ele foi um dos pioneiros nos estudos sobre o desenvolvimento intelectual das crianças, com ênfase nos estudos sobre linguagem. Em função também das interações sociais realizadas, o que evidencia a importância do meio para o desenvolvimento. Desse modo, compreender o mutismo seletivo a partir da teoria sociointeracionista de Vygotsky será importante para refletir o distúrbio e seus prejuízos em decorrência da ausência da fala.

Em suma, “a fala tem um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores” (VYGOTSKY, 1991, p.19) e a falta desta, como nos casos de crianças que apresentam o mutismo seletivo, acarretará em prejuízos sociais e cognitivos. Ao considerar a importância da fala para o desenvolvimento infantil, o presente trabalho justifica-se por abordar uma temática ainda pouco estudada e por meio dele busca-se compreender os prejuízos que a recusa da fala apresentará às crianças com o transtorno do mutismo seletivo.

Metodologia

Para o presente trabalho a metodologia escolhida foi a revisão da literatura, que consiste na compilação e análise crítica das ideias de diferentes autores sobre um tema específico, alcançadas por meio de leituras realizadas pelo autor. Nesse sentido, a revisão da literatura envolve a análise crítica de obras que abordam a temática escolhida.

Portanto, o resultado desse diálogo entre o pesquisador-escritor e os autores selecionados não precisa ser um texto inédito, mas sim um texto analítico e crítico das ideias previamente estudadas sobre o tema. Tradicionalmente, a revisão da literatura abrange dois aspectos principais quando se busca respostas para um problema de pesquisa: (a) examina-se o que estudos anteriores já abordaram sobre o tema e (b) a discussão do referencial teórico sobre esse tema (BENTO, 2012).

As buscas foram realizadas em fontes primárias, como livros e secundárias por meio do Google Acadêmico e em duas bases de dados específicas, sendo elas Scielo e PubMed através das palavras-chave: mutismo seletivo, selective mutism e Vygotsky. Para o estudo sobre o mutismo seletivo foram utilizadas algumas versões do DSM, até o atual DSM-5-TR, CID-11 e o livro “Refusal to speak: treatment of selective mutism in children” de SCHAEFER & SAPSARO. Já o estudo da teoria sociointeracionista foi baseado em 3 livros de Vygotsky: “A construção do pensamento e da linguagem”, “A formação social da mente” e “Pensamento e linguagem”.

A categoria introdução descreve as definições do termo mutismo seletivo e sua trajetória até ser incluído como um transtorno da ansiedade, apresenta também o autor e psicólogo Lev S. Vygotsky como primordial para a realização da análise sobre a temática. Posteriormente, o mutismo seletivo é apresentado de modo mais aprofundado, bem como os estudos de Vygotsky sobre o desenvolvimento da linguagem e os prejuízos causados pelo mutismo seletivo são analisados à luz da teoria vygotskiana.

Resultados e discussão

Mutismo seletivo

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR), o mutismo seletivo é enquadrado como um transtorno de ansiedade e é composto por cinco itens para o critério de diagnóstico (Tabela 1).

Tabela 1 – Critério de diagnóstico mutismo seletivo

A. Falha consistente em falar em situações sociais específicas nas quais há expectativa de falar (por exemplo, na escola) apesar de falar em outras situações.
B. A perturbação interfere no desempenho educacional ou ocupacional ou na comunicação social;
C. A duração do distúrbio é de pelo menos 1 mês (não limitado ao primeiro mês da escola).
D. A incapacidade de falar não é atribuível à falta de conhecimento ou conforto com a linguagem falada exigida na situação social e o distúrbio não é melhor explicado por um distúrbio de comunicação (por exemplo, distúrbio de fluência com início na infância).
E. Não ocorre exclusivamente durante o curso de um distúrbio do espectro autista, esquizofrenia ou outro distúrbio psicótico.

Fonte: APA (2022, p. 359).

Além disso, no DSM-5-TR (2022) são apresentadas também características diagnósticas para o mutismo seletivo, as quais denotam que crianças com mutismo seletivo, ao encontrar outras pessoas, não iniciam a fala ou respondem reciprocamente adultos e crianças de modo geral. Essas crianças falam em casa na presença de familiares mais próximos, mas pode ocorrer a falta de fala com parentes de segundo grau e até mesmo amigos próximos da família. O mutismo seletivo pode ser visto como uma aproximação da fobia social, pois é frequentemente marcado por ansiedade social exacerbada e há recusa em falar na escola, o que pode levar a déficits acadêmicos, já que não é possível avaliar a leitura, por exemplo.

Desenvolvimento da linguagem

A linguagem e o pensamento humano têm origens diferentes. No princípio, o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. Todavia, as suas trajetórias de desenvolvimento não são paralelas, mas sim interseccionadas. Em algum momento, por volta dos dois anos, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, anteriormente separadas, se encontram e, a partir desse momento, começa uma nova forma de comportamento.

É a partir deste momento que o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem racional. A princípio pode parecer que a criança só usa a linguagem para interações superficiais na vida, mas em algum momento essa linguagem passa a moldar a estrutura de pensamento da criança (VYGOTSKY, 1993).

VYGOTSKY (1993) apresenta estudos realizados por Koehler e Yerkes com macacos e chega a algumas conclusões importantes para a compreensão das diferentes trajetórias de desenvolvimento que o pensamento e a linguagem apresentam. Por meio dos estudos de Koehler com chimpanzés das Ilhas Canárias, foi possível perceber que “as suas expressões fonéticas denotam apenas desejos e estados subjetivos; são expressões de afetos e nunca um sinal de algo objetivo” (VYGOTSKY, 1993, p. 27).

As investigações de Yerkes alcançaram dados semelhantes aos de Koehler, no entanto produziram conclusões mais específicas ao admitir que há uma “inteleção mais elevada” nos orangotangos – ao nível de uma criança de três anos, pelo menos (VYGOTSKY, 1993, p. 34). Importa ressaltar que as origens genéticas do pensamento e linguagem nos animais apresentam diferenças significativas em relação aos humanos, enquanto no primeiro há diferentes caminhos para o desenvolvimento, no segundo há uma interdependência desde o princípio da vida humana (VYGOTSKY, 1993).

Dentre as conclusões dos estudos realizados pelo autor, duas delas são relevantes para o presente trabalho, “a estreita correspondência entre o pensamento e a linguagem, existente no homem, encontra-se praticamente ausente nos antropóides”, pois algumas ações não puderam ser realizadas pelos macacos por não haver um pensamento verbal norteando-os, o que, em contrapartida, ocorre em crianças para que elas possam realizar ações. “Na filogenia do pensamento e da linguagem distingue-se com muita clareza uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem e uma fase pré-linguística no desenvolvimento do pensamento.” conclui-se, portanto que “a determinada altura estas duas trajetórias encontram-se e, em consequência disso, o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional.” (VYGOTSKY, 1993, p. 39-41).

De acordo com VYGOTSKY (1991), a partir de observações, resultados mostraram que crianças com o mesmo nível de desenvolvimento intelectual diferiram muito na sua capacidade de aprender sob a orientação de professores, logo, as idades mentais destas crianças não eram as mesmas e os seus processos de aprendizagem subsequentes seriam diferentes, fato que apontou para uma nova abordagem: a zona de desenvolvimento proximal. Portanto, esse

conceito permite-nos propor uma nova formulação, nomeadamente que o “bom aprendizado” é algo que está à frente do atual desenvolvimento.

Teoria sociointeracionista e o mutismo seletivo

VYGOTSKY (1991) afirma que a zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real - aquilo que a criança é capaz de realizar sem ajuda de terceiros, de forma independente - e o nível de desenvolvimento potencial - aquilo que a criança é capaz de realizar com a ajuda ou orientação de terceiros - ou seja, o que as crianças podem fazer hoje com a ajuda de outras pessoas, amanhã poderão fazer sozinhas. Somente a partir dessa equação é que o estado de desenvolvimento mental de uma criança pode ser determinado.

Desse modo, a orientação de um terceiro nesse processo de aprendizagem pode auxiliar na diminuição da insegurança da criança que possui mutismo seletivo. Consequentemente, isso reduz a ansiedade que a afeta, fazendo com que o desenvolvimento potencial da fala possa ser alcançado. Esse apoio é essencial para que a criança se sinta mais segura. Assim, o progresso na fala pode ocorrer de maneira satisfatória.

Contudo, VYGOTSKY (1991) demonstra que a aquisição da linguagem pode ser um paradigma para a problemática da relação entre aprendizagem e desenvolvimento. A linguagem aparece inicialmente como meio de comunicação entre a criança e as pessoas ao seu redor. Só mais tarde, quando se transforma em fala interior, é que se organiza o pensamento infantil, ou seja, torna-se uma função mental interna.

Jean Piaget, figura central na psicologia do desenvolvimento, influenciou a educação a partir de sua abordagem sobre desenvolvimento cognitivo. Em seus trabalhos enfatiza que as crianças são agentes ativos na construção do conhecimento, transformando práticas educacionais para incentivar a exploração e a descoberta. Além de Piaget, outros autores demonstraram que antes de o raciocínio ocorrer como uma atividade interna, ele se desenvolve num grupo de crianças como uma discussão destinada a provar o ponto de vista de cada uma.

É característico dessa discussão em grupo que cada criança comece a perceber e a controlar a base de seus pensamentos. A partir dessas observações, Piaget concluiu que a comunicação cria uma necessidade de controlar e confirmar os pensamentos, o que é função do pensamento adulto. Assim como a comunicação entre a criança e as pessoas do ambiente desenvolve a fala interior e o pensamento reflexivo, esta comunicação promove a formação do comportamento voluntário da criança. Piaget mostrou que a cooperação estabelece as bases para o desenvolvimento do julgamento moral de uma criança (VYGOTSKY, 1991).

Sob essa ótica, crianças que possuem mutismo seletivo são prejudicadas quanto à sua zona de desenvolvimento proximal, já que têm dificuldades de interação com outras crianças, bem como apresentam timidez excessiva para iniciar uma conversa ou até mesmo responder a algum questionamento (APA, 2022).

Segundo VYGOTSKY (1993), os estágios básicos de desenvolvimento da fala infantil podem ser resumidos em quatro:

- 1) Estágio natural ou primitivo corresponde à linguagem pré-intelectual e ao pensamento pré-verbal.
- 2) Estágio da psicologia ingênua é aquele em que a criança exercita a inteligência prática por meio da experiência das propriedades do seu próprio corpo e dos objetos ao seu redor, aqui também são formadas as experiências psicológicas básicas.
- 3) Estágio da fala egocêntrica é formado a partir do acúmulo gradual de experiências psicológicas ingênuas, é nessa fase em que a criança utiliza fatores externos para solucionar questões internas, como narrar suas ações.
- 4) Estágio do crescimento interior é o último estágio, em que as operações externas se interiorizam, corresponde a linguagem interior ou silenciosa, e embora possua essa nomenclatura, segundo DELACROIX (1924), será cada vez mais próxima da linguagem exterior quanto mais estreitamente estiver vinculada a ela no comportamento, podendo assumir uma forma absolutamente idêntica por ser uma preparação para a linguagem exterior.

(...) os estudos desses estágios permitiram concluir que na medida em que as crianças se desenvolvem, dirigindo sua fala para comunicações específicas com os outros como, por exemplo, pedir comida ou brinquedo, elas começam a dirigir a fala para si mesmas, levando à internalização de palavras e à constituição da fala interior. Esta, por sua vez, envolve pensamentos verbais norteadores do comportamento e da cognição, processo fundamental no desenvolvimento e funcionamento psicológico humano, logo, na construção do conhecimento (VYGOTSKY, 1998 apud MIRANDA, SENRA 2012, p. 04).

A partir de experimentos de observação com crianças, foi possível notar que a fala desempenha um papel importante na organização e execução da ação prática, o que foi apresentado por dois fatos importantes:

1) A fala das crianças importa tanto quanto o comportamento em si. As crianças não falam apenas sobre o que fazem, suas palavras e ações fazem parte de uma mesma função psicológica voltada para a resolução de problemas.

2) Quanto mais complexo o comportamento exigido pela situação e menos direta a solução, mais importante é a fala na operação comportamental. Às vezes, a fala torna-se tão importante que as crianças pequenas não conseguem resolver uma situação se o seu uso não for permitido. As crianças que utilizam a fala dividem suas ações em duas partes consecutivas. Elas planejam como resolver o problema com a ajuda da fala e depois implementam a solução desenvolvida por meio de atividades visíveis (VYGOTSKY, 1991).

Logo, a criança passa a notar o mundo não somente por meio da visão, mas também através da fala e esta torna-se essencial para o desenvolvimento intelectual infantil (VYGOTSKY, 1991). Em contrapartida, crianças que apresentam o mutismo seletivo interiorizam sua fala nesse período por conta da ansiedade social, o que irá gerar o fracasso persistente em exteriorizar sua fala em ambientes em que não se sintam seguras. Dessa forma, a criança que passou por esses estágios de desenvolvimento da fala, agora não consegue reproduzi-la em certos locais e fracassa em dirigir a fala para si mesma, por meio de pensamentos verbais, processo fundamental para o desenvolvimento psicológico humano, segundo VYGOTSKY (1993).

A função primária da linguagem é comunicar, relacionar socialmente, influenciar os circundantes tanto do lado dos adultos quanto do lado da criança. Assim, a linguagem primordial da criança é puramente social; seria incorreto denominá-la linguagem socializada, uma vez que a esse termo se associa algo inicialmente não social, que só se tornaria social no processo de sua mudança e desenvolvimento (VYGOTSKY, 2001, p. 85).

Desse modo, primordialmente, a linguagem infantil é vista como puramente social e se, por sua vez, ocorre a recusa da fala por crianças que apresentam o mutismo seletivo, há também dificuldades em socializar, bem como em seu desenvolvimento cognitivo e emocional, os quais são prejudicados pela ausência de fala que é vista por Vygotsky como primordial para o desenvolvimento humano. Embora, essa linguagem compreenda a variedade distinta a fala propriamente dita, por meio de gestos, mímicas e movimentos, ainda assim a fala é esperada no contato com o outro (VYGOTSKY, 2001).

Além disso, o mutismo seletivo pode ser um transtorno que apresenta déficits como cascatas do desenvolvimento, em que os impasses acumulados podem gerar prejuízos cognitivos, emocionais e sociais (PANAYIOTOU e HUMPHREY, 2018). O fato de fracassar em falar durante a infância pode impedir o desenvolvimento de habilidades de funcionamento executivo e competências sociais imprescindíveis para a convivência (VOGAN et al. 2018). Sendo assim, o efeito em cascata pode levar a questões mais amplas e complexas, como explica:

Ainda que indiretamente, esta patologia pode levar ao isolamento. Mas pode, depois, como todos os quadros infantis em que há dificuldades de integração, levar à diminuição da autoestima, alteração de humor e, a longo prazo, diminuir francamente o desejo e a vontade da criança estar na escola, conduzindo a insucesso e abandono escolar (SANTOS, 2005, p. 51).

Através da obra de VYGOTSKY (1993), é possível perceber que o desenvolvimento linguístico infantil está diretamente mediado pelas relações estabelecidas com os meios sociais e culturais em que o indivíduo está inserido, logo a relação com o outro é a geradora do desenvolvimento da linguagem na criança. Desta forma, a criança, desde o nascimento, tem seu desenvolvimento da fala influenciado pelo convívio social e pelo comportamento emocional (VYGOTSKY, 2001).

LESSER-KATZ (1988) argumentou que a supressão da fala, da atividade motora e da iniciativa no mutismo seletivo pertencem mais propriamente a um estágio inicial de desenvolvimento e, portanto, que o transtorno representa uma fixação ou regressão a esse estágio. Segundo SCHAEFER & SAPSARO (1999), para uma criança com mutismo seletivo, o principal obstáculo a ser superado no ambiente é a primeira resposta verbal. Além de uma profunda resistência em começar a falar, a criança também reluta em chamar a atenção para si mesma, abrindo mão do papel de criança silenciosa.

É comum o comprometimento grave no funcionamento escolar e social, incluindo o resultante de provocações dos colegas. Em certos casos, o mutismo seletivo pode servir como uma estratégia compensatória para diminuir a excitação ansiosa em encontros sociais (APA, 2022, p. 351).

Nesse sentido, pode-se compreender que a criança com mutismo seletivo brinca, porém, em certos contextos, de modo isolado e não social. Logo, o brincar em grupo pode ser considerado uma ferramenta de intervenção no contexto escolar, pois através dele, a criança

pode desenvolver habilidades cognitivas, sociais e emocionais, bem como enfrentar gradualmente os bloqueios causados pela ansiedade social.

Diante disso, VYGOTSKY (1991) apresenta o brincar como um meio de aprendizagem para as crianças, pois é na brincadeira, que a criança aprende a agir na esfera cognitiva, visto que a situação do brinquedo exige que a criança atue constantemente contra um impulso imediato. A cada passo, a criança enfrenta um conflito entre as regras do jogo e o que ela faria se pudesse agir espontaneamente de repente. No jogo, ela age de forma diferente do que gostaria de agir. O maior autocontrole da criança aparece na situação do brinquedo.

Assim, as maiores conquistas da criança são alcançadas no jogo, conquistas que se tornarão o nível básico de sua real atividade e moralidade no futuro. O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal para a criança. No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento esperado para sua idade, por meio da imaginação, cria intenções voluntárias e elabora planos de vida reais e motivações voluntárias – tudo pode ser visto no brinquedo, que é, portanto, o nível de desenvolvimento mais elevado da pré-escola (VYGOTSKY, 1991).

Para uma criança com mutismo seletivo não será diferente, um ambiente visto como seguro e acolhedor em que o aprendizado ocorre por meio de brincadeiras lúdicas pode ser positivo para ela e nota-se que para brincar não necessariamente é preciso falar. Logo, essa criança estará cada vez mais próxima dos colegas e pode sentir-se segura e apta para elaborar a fala, por meio de um processo temporal que dependerá das condições em que está inserida.

Tendo em vista que o ambiente escolar é aquele em que a criança passará grande parte de seu tempo, a ansiedade social pode ocorrer e é provável que os casos sejam comuns nesse local, como citado pelo DSM-5-TR (2022), logo as intervenções também se darão nesse meio e segundo VYGOTSKY (1991), a criança se desenvolve principalmente por meio de atividades relacionadas aos brinquedos. Somente nesse sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade protagonista que determina o desenvolvimento da criança.

Conclusão / Considerações finais

O estudo sobre o mutismo seletivo, a partir da teoria sociointeracionista de Vygotsky, revela a importância da fala no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Vygotsky destaca que a linguagem é uma ferramenta fundamental de pensamento e interação social e é fundamental para a construção do conhecimento e a mediação das relações sociais. Portanto, a ausência de fala, característica do mutismo seletivo, pode prejudicar o

desenvolvimento da criança e afetar sua capacidade de aprender e de fazer conexões com o mundo ao seu redor.

Além disso, o brincar para PIAGET (1999) significa “[...] reviver todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção” e Vygotsky destaca o brincar como uma atividade central no desenvolvimento infantil, a qual ocorre por meio de uma sociointeração. Através do brincar, as crianças com mutismo seletivo podem encontrar formas de se expressar, o que pode facilitar a transição para a comunicação verbal e a superação da ansiedade social.

O conhecimento gerado por este estudo pode contribuir para futuras pesquisas e para o desenvolvimento de estratégias fundamentadas e orientadas para ajudar crianças com mutismo seletivo. O objetivo é melhorar a qualidade de vida dessas crianças, promovendo seu desenvolvimento social e acadêmico, e compreendendo a importância da fala e do brincar no processo de superação da ansiedade social.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM III-R**. São Paulo: Manole, 1989.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-IV**, 1994.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**, 2022.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira)**, nº 65, ano VII (p. 42-44), 2012.

BRIZOLA, Jairo; FANTIN, Nádia. Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. **Revista de Educação do Vale do Arinos, RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016.

DELACROIX, H. **Le Langage et la Pensée**, 1924.

FLORENCIO, R.; MOREIRA, M. As Contribuições de Vygotsky aos Estudos Sobre a Linguagem das Crianças. **Cadernos Cajuína**, V. 5, N. 1, 2020, p. 113-126.

KEARNEY CA, REDE M. **The Heterogeneity of Selective Mutism: A Primer for a More Refined Approach**. *Front Psychol.* 2021 Jun 10;12:700745. doi: 10.3389/fpsyg.2021.700745. PMID: 34177747; PMCID: PMC8222660.

LESSER-KATZ, M. (1988). The treatment of elective mutism as stranger reaction. **Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training**, 25(2), 305–313. <https://doi.org/10.1037/h0085346>

MIRANDA, Josete Barbosa; SENRA, Luciana Xavier. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana**, 2012.

PANAYIOTOU M., HUMPHREY N. (2018). **Mental health difficulties and academic attainment: evidence for gender-specific developmental cascades in middle childhood**. *Dev. Psychopathol.* 30, 523–538. 10.1017/S095457941700102X.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

SANTOS, F. **Mutismo seletivo: um silêncio perturbante**. *Médico de Família*, 86, p.50-51, abril, 2005.

SCHAEFER, C. E., & SAPSARO, S. A. (Eds.), **Refusal to speak: treatment of selective mutism in children**. New Jersey: Aronson, 1999.

VOGAN V. M., LEUNG R. C., SAFAR K., MARTINUSSEN R., SMITH M. L., TAYLOR M. J. (2018). **Longitudinal examination of everyday executive functioning in children with ASD: relations with social, emotional, and behavioral functioning over time**. *Front. Psychol.* 9:1774. 10.3389/fpsyg.2018.01774

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde: CID-11**, 2022.